



ARTE ORGÂNICA



Instalação L'Eden da
Perrier Jouët no London
Festival Design, 2016

Alternando entre a arquitetura e diversas áreas do design, Noé Duchaufur Lawrence tem a natureza como principal fonte de inspiração

Com um olhar profundo sobre tudo o que o cerca, o arquiteto e designer Noé Duchaufur Lawrence dá alma às suas criações, fazendo com que elas despertem sentimentos. Além de um objeto ou espaço decorado, ele cria algo único, inspirado na natureza e nos próprios sentimentos. Nascido em 1974, na França, cresceu apaixonado pela beleza das coisas, como ele mesmo diz, sempre acreditando que elas existem para trazer conforto e satisfazer as necessidades humanas. Paixão que o levou a estudar artes na École Nationale Supérieure des Arts Aëcoratifs, Furniture Department, e na École Nationale Supérieure des Arts Appliqués e Metal Sculpture DMA, ambas em Paris.

No início da carreira despontou como designer, trabalhando com esculturas e, mais tarde, tornou-se arquiteto e designer de interiores. Percorrendo diversos segmentos, o profissional se estabeleceu, desenvolvendo também trabalhos para grandes marcas.

Recentemente participou do London Design Festival com a instalação da Perrier Jouët, onde transpôs a ideia de um jardim de fantasia para o espaço, criando a vivência de momentos teatrais para o público. Confira a seguir a entrevista que traz um pouco mais da história e as peculiaridades do trabalho deste artista sensível e com tantas habilidades.



Revista Decor - Como surgiu o seu interesse pelo design?

Noé Duchaufour Lawrence - Fui criado em um ambiente artístico e anti-consumo, quase hippie. Não tínhamos objetos contemporâneos em casa, era uma mistura de vários objetos, de forma harmoniosa. Minha mãe era professora de arte na escola e, mesmo que eu não conhecesse meu pai, que era um escultor, eu tinha a conexão dele com o material como herança. Mas sempre fui atraído pela beleza das coisas. Pensando bem, um membro da minha família, meu tio, abriu meus olhos para o mundo dos objetos. Ele e sua esposa tinham uma coleção de mobiliário de Arts Décoratifs e Art Nouveau. Lembro de peças de Carlo e Rembrandt Bugatti, vasos de Dunand, Lalique, Eileen Grey... Sempre fiquei impressionado com a paixão deles por objetos, era um estilo de vida! Cresci em Brittany, França, onde a cultura do design estava muito longe das margens de Finistère. Descobri o trabalho de Stark e este foi meu único conhecimento em design até que, um dia, quando eu tinha 15 anos, meu padrasto inglês chegou com o artigo de uma revista da Inglaterra sobre Ron Arad. Seu trabalho era muito experimental nesta fase, mas isto abriu meus olhos sobre a possível

relação entre arte e design, e da escultura com objetos funcionais. Aproveitando a herança do meu pai, decidi começar a esculpir antes de ir para uma escola de design. Então, descobri o trabalho de Carlo Mollino, que realmente me inspirou. Sua forma de desenhar, com tensão e cheia curvas, em conexão com o corpo, abriu caminho para minha linguagem orgânica.

Decor - Quem ou o que tem sido a maior influência em seu trabalho desde então?

Lawrence - Meu trabalho é diretamente inspirado pela natureza ou paisagens que observo e admiro desde sempre. Eu não gosto do aspecto decadente de linhas suaves, mas também não suporto a austeridade seca. Meu trabalho pertence a um universo de dois lados, sempre em tensão entre a curva e a linha, a massa e o vazio, interior e exterior. O equilíbrio está na estrutura de suavidade, objetos que se parecem com a gente ou nosso corpo, sendo compostos tanto por elementos maleáveis quanto rígidos (e assim é também o nosso espírito!). Sou um pesquisador buscando por respostas fundamentais para a incansável necessidade do homem, usando a emoção e combinando forma e aspecto inspirados na natureza, como um veículo

de significado. Nesta sociedade de consumo, eu tento trazer um pouco de poesia para os objetos que desenho, criando uma ligação entre o interior e o exterior, um elo com o nosso ambiente natural. Tento recriar as emoções sentidas nesta observação e contemplação, construindo uma frágil ligação entre o nosso ambiente externo e o nosso interior através de uma mobília, um objeto ou arquitetura de interiores. Este link é antes de tudo emocional, uma emoção gerada pela forma, pelos materiais, pelas luzes, servindo à função. Eu me sinto próximo daqueles que têm a mesma fonte de inspiração que eu. Assim, particularmente, admiro os designers e artistas como Isamu Noguchi e Anish Kapoor.

Decor - Qual trabalho você considera o mais importante da sua carreira e por quê?

Lawrence - A coleção Manta para Ceccotti Collezione, a primeira colaboração com Franco Ceccotti, uma colaboração respeitosa e um projeto inspirado pela liberdade. Depois, realizei projetos com Zanotta e tive a sensação de entrar no templo do design. Quando fiz meu primeiro Ottoman, eu entendi, pela primeira vez, o que é um projeto de sucesso! O châlê Béranger é meu primeiro projeto de arquitetura, no qual eu trabalhei com grande

prazer e próximo do proprietário do lugar, com total tranquilidade. Assim, cada projeto é diferente e tem a sua história, feita de encontros que nutrem cada projeto, não posso escolher apenas um.

Decor - Na sua opinião, qual é o verdadeiro significado do design?

Lawrence - Objetos são feitos para melhorar o nosso conforto e espaço de convivência cotidiana, para satisfazer as necessidades íntimas enquanto se encaixam dentro de um contexto mais amplo da sociedade, para dar respostas às questões contemporâneas, enquanto se projetam para o futuro. Estas questões, para mim, são a base do design. Mas neste ambiente, a necessidade de conexão com os objetos é fundamental, caso contrário, os designers só participariam da obsolescência programada da indústria, o que é um crime. A parte artística de uma criação de design não deve se sobrepor à função, mas é um elemento necessário para criar uma ligação sensível entre o usuário e um objeto. Isto é ajudado pela qualidade do material e pelas técnicas usadas, o que significa que a qualidade de uma mobília é reforçada com a "pátina do tempo", os traços do seu uso, tornando-se testemunhas de nossas vidas.

Decor - Você tem algum artista ou designer que lhe inspira?

Lawrence - Philolaos Tloupas, Carlo Molino, Noguchi. Mas eu também amo o trabalho de Turrel, Toyo Ito, Tadao Ando, Castiglioni, John Pawson, Andy Goldsworthy e Michael Heizer.

Decor - Quais trabalhos para grandes marcas você gostou mais?

Lawrence - O trabalho para uma marca precisa responder a um forte anseio de estar associado ao valor desta marca. Em termos de uso, qualidade, ética ou estética. Para a durabilidade de produtos de luxo, a tecnologia ou o know-how de artesãos precisam estar no projeto. Desta forma, o sofá Sellier que eu fiz para Hermès é uma das minhas melhores experiências para uma grande marca. Em outro segmento, a relação mais agradável e durável que tenho é com a Bernhardt design e a Ligne Roset.

Decor - Quais as ferramentas que você costuma usar em seu trabalho?

Lawrence - Lápis. Eu começo os meus dias desenhando por uma hora e meia ou duas, em um café. Isto me permite colocar as ideias em ordem na multiplicidade de informações armazenadas no dia anterior. O que alimenta a minha abordagem é

o eco permanente entre meus sonhos e a realidade. Muitas vezes eu projeto a mim mesmo em uma paisagem natural criada por uma combinação de imagens que eu guardo na memória.

Decor - Como o seu estilo mudou ao longo dos anos?

Lawrence - Mesmo que alguns dos meus primeiros projetos fossem mais ecléticos e caóticos, o conceito não mudou. Eu aceitei minha essência e agora tento expressar isto em uma linha, ao invés de dez.

Decor - Recentemente você participou do London Design Festival e desenvolveu a instalação da Perrier Jouët. Você poderia explicar o conceito do espaço?

Lawrence - Eu queria que esta instalação nos transportasse para um jardim de fantasia, onde uma natureza digitalizada coincidissem com a sempre presente urbanização, um momento teatral para desfrutar de champã. Este projeto reflete as fortes ligações que a marca Perrier Jouët tem com a Art Nouveau e a reinterpretação de seus princípios. A noção de um trabalho de arte é exibida aqui pela luz, que brinca com suas cores e formas. A instalação nos faz lembrar de glicínias penduradas em pergolados, onde as flores são taças que nós colhemos para beber o néctar.